



Parceira do Jornal de Lisboa

Nº121 - MARÇO 18 - ANO IX

JORNAL MENSAL DE DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

jornaldelisboa@gmail.com

JORNAL DE LISBOA

A NOSSA BANCADA DE OPINIÃO

PÁGS. 14/15



> RUTE LIMA, PRESIDENTE DA JUNTA DE FREGUESIA DE OLIVAIS

“JUNTAS DE FREGUESIA DEVERIAM TER COMPETÊNCIAS MAIS ALARGADAS”

Rute Lima defende maior capacidade de intervenção e mais competências para as Juntas de Freguesia. A presidente de Olivais afirma que a reforma administrativa acabou com a lógica paroquial das Freguesias.

ENTREVISTA | PÁGS. 02 / 03



SANTA MARIA MAIOR | PÁG. 05
ARRANCARAM ELIMINATÓRIAS DA GRANDE NOITE DO FADO

Começaram a 24 de fevereiro, no Grupo Desportivo da Mouraria, as eliminatórias da edição deste ano da Grande Noite do Fado de Santa Maria Maior.

SÃO DOMINGOS DE BENFICA | PÁG. 06
CARTÃO MAIS COM VANTAGENS PARA TODOS



Apostar no comércio de proximidade e, simultaneamente, estimular os agentes locais são objectivos do Cartão Mais da Freguesia.

SÃO VICENTE | PÁG. 08
II EDIÇÃO DO MÊS DESPORTIVO

O mês de fevereiro na Freguesia de São Vicente marcado mais vez pelo desporto.

CAMPOLIDE | PÁG. 09
COMUNICAÇÃO DIRECTA COM A POPULAÇÃO



Dia 8 de Janeiro completou-se o primeiro ano dos directos no Facebook onde o presidente da Junta atende os Vizinhos e Vizinhas de Campolide. A sessão dessa semana foi aberta ao público.

LUMIAR | PÁG. 13
GALA INSTIES GERADOR

Arte e tecnologia. São duas realidades que a Gala Insties Gerador promovida pela Junta pretende conjugar, promovendo uma nova perspectiva da arte e cultura.

> ENTREVISTA A RUTE LIMA, PRESIDENTE DA JUNTA DE FREGUESIA DE OLIVAIS

Reforma administrativa acabou com a lógica paroquial das Freguesias

Existem ajustes a fazer, nomeadamente no que se refere à Lei das Finanças Locais, mas Rute Lima, em entrevista escrita, afirma que a

“reforma administrativa veio mudar o paradigma da lógica paroquial das Freguesias de Lisboa”. “Eu não ando por cá, eu sou de cá”.

Uma das razões, de acordo com a presidente da Freguesia de Olivais, para o bom resultado eleitoral das últimas eleições.

Nas eleições de 1 de Outubro teve quase mais dois mil votos que em 2013. A que se deve esse aumento de votos? Considero o aumento de votos uma responsabilidade acrescida, na medida em que significa que mais cerca de 2.000 eleitores não só reconheceram o trabalho feito no último mandato, como também confiaram no projeto que apresentei para este mandato. A política, por mais abrangente e até abstrata que possa parecer, é efetivamente uma relação de confiança plena entre quem pede o voto e quem vota, entre quem apresenta um projeto e quem acredita nesse mesmo projeto. Logo, interpreto esta votação como a prova do reforço da confiança dos olivalenses na sua presidente e respetiva equipa, fato que me deixa muito orgulhosa e motivada para continuar a trabalhar em prol da minha freguesia e do território que me viu nascer. A votação expressiva foi o resultado de 4 anos de muito e intenso trabalho. Um trabalho de proximidade, um trabalho atento e conciso que incidiu diretamente na vida dos nossos cidadãos. Os investimentos no espaço público, criando melhores condições de vida às pessoas, os projetos de natureza social ligados à educação, ao envelhecimento ativo e saudável, à prevenção dos fenómenos de comportamentos desviantes na infância/adolescência, ao fomento da cultura e do desporto foram bases transformadoras do tecido social da freguesia e temos e certeza de ter surtido um efeito positivo que terá repercussões otimizadas em termos geracionais. Quero uma comunidade feliz e tenho uma satisfação imensa no alcance desse propósito.

Olhando para os resultados da Assembleia de Freguesia e da Câmara Municipal há uma tendência de divergência. Como interpreta esse facto?

Interpreto como um facto normal que decorre do processo da reforma administrativa da cidade de Lisboa. As Juntas de Freguesia e os seus presidentes, no âmbito deste processo reformista, ganharam um papel determinante na vida das suas comunidades. O facto de deterem um leque diverso de competências próprias, aliado ao conhecimento detalhado das necessidades e questões de pormenor dos seus territórios, contribui de forma direta para uma ação mais concisa e imediata sobre a estratégia que melhor serve as suas freguesias. A Câmara Municipal de Lisboa passou a ter um papel secundário neste processo de avaliação eleitoral visto que são as Juntas de Freguesia que se encontram na primeira linha de ação e disso fazem prova a cada dia de governação. A autonomia do poder local é uma característica que permite brilhar e quanto mais próximo o poder se encontrar dos cidadãos, maior é o nível de confiança eleitoral. Pois é disso que se trata. Apesar do trabalho que se desenvolve ser um trabalho de equipa para o qual a CML é parceira de excelência, seja pela componente institucional, seja pela assunção de financiamento de projetos e acompanhamento estreito e permanente das preocupações de todas as Juntas de Freguesia, o fenómeno da proximidade não é absorvível em qualquer momento e revela-se no momento do sufrágio.

O seu resultado foi um reconhecimento da população pelo trabalho realizado?

Sim, claro. O trabalho da Junta de Freguesia é um trabalho que faz parte integrante do dia-a-dia dos cidadãos. Ainda que em alguns momentos a Junta de Freguesia possa não conseguir resolver determinada situação, é assumido intrinsecamente que é a Junta de Freguesia que tem de resolver. E partindo deste pressuposto de pensamento “quase lógico”, os cidadãos procuram os nossos serviços para a resolução de quase todos os seus problemas. Por outro lado, o trabalho desenvolvido de uma forma sistémica com a envolvimento de todas as organizações da freguesia revelou ser uma via facilitadora de chegar a todos sem exceção. Seremos uma força agregadora das vontades e das missões indivi-



duais de cada organização, reforçou-nos a todos no coletivo.

Qual foi o “segredo” da sua governação?

Costumo dizer em jeito de brincadeira “eu não ando por cá, eu sou de cá”. E isto, só por si, responde à questão. O “ser de cá”, que de resto é um factor diferenciador mas comum a toda a equipa, confere-me uma responsabilidade acrescida. Defendo que em tudo o que fazemos e para alcançar o êxito, devemos fazê-lo cuidando para que haja a percentagem adequada de paixão, de amor, de dedicação e o resto da componente especializada, técnica e, neste caso, política. E defendo ainda, embora possa perceber que nem sempre é assim, cargos de tamanha responsabilidade e proximidade devem ser assumidos cumprindo o desígnio “eu sou de cá”, pois é determinante que se ame e conheça cada palmo do nosso território, que se conheçam as pessoas e que as pessoas se revejam em nós e nos avaliem por nos conhecerem. E esta é a característica dos presidentes e executivos das Juntas de Freguesia. No quadro político e democrático do país não existe eleição mais direta e “honesta” que as eleições para as Juntas de Freguesia. Os cidadãos elegem-nos diretamente, nos nossos rostos, nas nossas competências e não em listas construídas por critérios alheios ao conhecimento do cidadão.

O que marca a sua liderança da Freguesia de Olivais?

Uma liderança no feminino, sem dúvida, uma liderança sem estigmas e frontal. Uma liderança assente em compromissos sérios e exequíveis, transparência e uma grande carga afetiva. Um projeto de qualidade, uma equipa heterogénea e totalmente paritária e a desmaterialização de processos.

Nos anos anteriores, que apostas determinaram a acção do Executivo dos Olivais?

As apostas nas áreas sociais, nomeadamente ao nível das áreas educativas e na requalificação do espaço urbano.

Cumpriu as promessas feitas?

Sim, quase todas e as que não cumpri têm e tiveram uma explicação lógica que foi devidamente comunicada. Continuo a defender que as promessas são para se cumprir, sempre.

Passado um mandato da reforma administrativa, que análise faz do actual status quo?

Considero que o processo da reforma administrativa veio mudar o paradigma da lógica paroquial das Freguesias de Lisboa. Faço uma análise bastante positiva tendo em conta que todas as Juntas de Freguesia provaram que o desígnio e a aposta se revelaram apostas ganhas. É evidente que este é um processo que ainda agora começou. Estamos longe de poder dar este processo como concluído. A grande fase transformadora aconteceu de facto no anterior mandato, mas muito há a fazer a todos os níveis. Juntas de Freguesia, Câmara Municipal de Lisboa e Governo têm de refletir sobre inúmeras matérias que concorrem de forma direta para o êxito crescente deste processo. Existem ajustes que urgem ser repensados e efetuados, nomeadamente ao nível da lei das finanças locais, ao nível das condições de trabalho efetivo dos órgãos executivos e deliberativos e ainda ao nível da lei das competências das autarquias. Existem situações prementes que afetam o desenvolvimento normal das nossas atividades, que devem ser resolvidas coletivamente, com a serenidade a que o processo obriga e que dependem de uma concertação entre as várias camadas políticas. Porém, há uma certeza comum a todos. Este é processo sem retrocesso que mudou para melhor a vida da cidade e das Freguesias, que obrigou que todos nos organizássemos de acordo com novos princípios de gestão. Estou empenhada em dar o meu contributo para que se faça, também neste âmbito, tudo o que ainda falta ser feito, em prol de uma missão pública coletiva.

O que deveria ter sido feito de forma diferente? Como? Porquê?

O ótimo é inimigo do bom e este marco da vida da cidade de Lisboa e das Freguesias não se tratou de uma tarefa estanque ou de um mero exercício matemático, em que os resultados aparecem no final da equação. Foi e é um processo dinâmico, que envolveu centenas de pessoas, formas de encarar a administração (tanto do ponto de vista da gestão como do ponto de vista do cidadão), envolveu disposições legais e devidas interpretações e o acompanhamento/monitorização existiu precisamente para se perceber o que falta fazer ou ajustar. Especular sobre uma forma diferente de fazer as coisas seria especular sobre novas formas de resolver outras lacunas que não as presentes. Logo, prefiro encarar o processo como um momento de grande coragem e dignidade política em que muitos deram o melhor de si sem pensar em si, mas acima de tudo, encará-lo com a responsabilidade de estudar criteriosamente o produto dos estudos de acompanhamento feitos ao longo dos últimos 3 anos, encontrando soluções que consideremos adequadas para melhor ainda servir os Olivais e Lisboa. Há que continuar a trabalhar em todos os processos de descentralização possíveis, agora com o peso positivo desta grande experiência, que foi, genericamente, um grande êxito.

Acha que as Juntas de Freguesia deveriam ter outras competências? Quais? Porquê?

Sim. As Juntas de Freguesia deveriam ter competências mais alargadas. Como por exemplo a requalificação ao nível dos pavimentos, as obras de requalificação dos equipamentos em termos estruturais, etc. Ou seja, quebrar as barreiras entre aquilo que é considerado estruturante e não é estruturante, tendo em contas as mais variadas dúvidas e questões que surgem a este nível. Mas considero que este é um caminho natural de amadurecimento do processo, dos intervenientes e das próprias estruturas públicas. É um caminho que já está a ser trilhado com toda a serenidade.

No que se refere à perspectiva financeira, a reforma administrativa foi “um bom negócio” para as Freguesias?

Na administração pública, o conceito do “bom negócio” não existe. Não há bons ou maus negócios. Há boas e más tomadas de decisão. E esta foi uma boa decisão política e Lisboa e os lisboetas agradeceram.

Há constrangimentos económicos? Quais? Porquê?

Haverá sempre constrangimentos económicos em qualquer organismo público. Partindo do princípio que a gestão pública visa o bem servir o interesse público e não o lucro, é evidente que os constrangimentos económicos variam de acordo com a capacidade de gerar receitas e ainda a forma como se vão encontrando consensos e entendimentos de gestão pública. É importante que, à escala da governação nacional, se entendam as especificidades de uma cidade como Lisboa e daquilo que está em causa de termos de recursos necessários para a gerir e gerir bem. A conferência do estatuto de capitalidade e a dimensão de cada uma das 24 Freguesias obriga a uma reflexão sobre a forma legal e substantiva da plataforma governativa que se pretende prosseguir.

Aqui sou feliz

Como caracteriza, sinteticamente, a Freguesia de Olivais no contexto de Lisboa?

A freguesia dos Olivais é um misto charmoso de ruralidade com urbanismo. A melhor forma de caracterizar a Freguesia é referir, por exemplo, que todos aqueles que cá vivem acordam com o chilrear dos passarinhos, que em plena cidade de Lisboa, nos Olivais se pode sair de casa e fazer um piquenique com a família num dos belíssimos jardins, que as nossas crianças continuam, tal como as gerações anteriores, a poderem brincar na rua e andar de bicicleta sem que os pais ou avós vivam as preocupações próprias do ambiente urbano do centro da cidade. A tudo isto e muito mais se chama qualidade de vida.

Olivais é uma Freguesia “amiga” dos residentes? Porquê?

A Freguesia dos Olivais é amiga de todos e em especial dos residentes. Porque, acima de tudo, no nosso território conseguimos ser felizes. É uma Freguesia com um elevado índice de envelhecimento que se encontra a rejuvenescer. A heterogeneidade da Freguesia leva-nos a planear a nossa estratégia de uma forma abrangente em todas as áreas funcionais da sociedade. Olivais é dotada de inúmeros equipamentos sociais e urbanos que servem os seus residentes a todos os níveis. Boas escolas públicas e privadas, creches e serviços de apoio à infância levam a que jovens casais procurem o nosso território para início de vida. A qualidade de vida que se sente e respira nos Olivais é uma das características mais atrativas em processos de escolhas de vida. Os recursos de saúde são também um outro braço do serviço público ao dispor dos Olivalenses e o compromisso de todas as organizações para trabalharem em prol de todos sem exceção, faz de nós um aglomerado populacional, a Oriente da cidade, feliz e orgulhoso do privilégio de ser Olivalense. O facto de ser uma Freguesia residencial, com amplos e cuidados espaços de lazer, continua a permitir a sã convivência e promove o enraizamento social entre todos, desde a tenra infância. Permanecemos e queremos continuar a permanecer longe da confusão própria do centro da cidade, usufruindo em simultâneo de toda a urbanidade. Possuímos uma rede de transportes em melhoria contínua e que cobre toda a freguesia, o que possibilita a mobilidade e o uso do transporte público.

Quais são, para si, as três principais razões para se viver nos Olivais?

Amor incondicional à terra que me viu nascer, qualidade de vida e sentimento constante de infinita liberdade.

O cargo de presidente da Junta continua a ser um desafio?

Sim. Continua a ser um grande desafio por todos os motivos que atrás referi. Aqui sou feliz e podendo contribuir para o progresso da minha freguesia, assim o farei, enquanto os olivalenses continuarem a confiar no meu trabalho.

E depois, o que se segue?

Acredito no destino. Estarei onde fizer falta estar e onde for útil estar. Sou uma mulher de convicções, prezo e orgulho-me muito do meu percurso profissional, académico e político. Sou leal ao meu partido e ao meu secretário-geral mas acima de tudo, a mim própria e às minhas convicções, das quais não abdicó. Logo, o destino cuidará de responder a essa questão.

Se tivesse de escolher, preferia ir para a Assembleia da República ou um cargo executivo? Qual

Como não tenho de escolher, guardarei essa resposta para um momento em que, eventualmente, o tenha de fazer.